



**EDITORIAL**

*Isabel Carvalho Viana* <sup>1\*</sup>

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DO MINHO**

*Carlos Manuel Ribeiro da Silva* <sup>2\*</sup>

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DO MINHO**

*Carlos Ferreira* <sup>3</sup>

**ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS, UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO**

**Editorial**

Vivemos uma situação tumultuosa em que, por um lado, temos o estado de guerra, aparentemente infindável, por outro, assistimos à tragédia ambiental, numa escala *glocal*, e a níveis altamente diferenciados, e diferenciadores, de riqueza, que aprofundam o galopante acentuar de desigualdades sociais. A estes sintomas, os regimes, com retóricas que se ampliam em nome da democracia, mas que não são mais do que evidências de rutura dos sistemas, reagem cada vez mais de forma repressiva e autoritária (Chomsky & Waterstone, 2021). Este estado de situação configura o quotidiano das pessoas em todo o mundo, expectante com as transições digital, ambiental e educacional. No plano educacional, que nesta edição ambicionamos destacar discussões que com ela se articulam, particularmente, as que se relacionam com os estudos curriculares, cruzam-se questões colocadas no passado com os desafios sociais atuais, num plano universal. Vivemos num mundo dinâmico e emaranhado, onde se exige muito à educação, ao currículo, à escola, e se espera que os sistemas educativos possam responder de forma transformadora, atribuindo-lhes o ónus de motor de desenvolvimento, na esperança de se alcançar o bem comum e a coesão social. Neste âmbito, damos realce ao trabalho que a UNESCO (2022) vem desenvolvendo, consubstanciado, de forma muito relevante, no relatório “Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação”, que nos fala da importância da educação para a transformação do mundo, por forma a assegurar futuros coletivos sustentáveis, justos e

---

<sup>1</sup> icviana@ie.uminho.pt – Membro integrado do Centro de Investigação de Estudos da Criança (CIEC).

<sup>2</sup> carlos@ie.uminho.pt – Membro integrado do Centro de Investigação de Estudos da Criança (CIEC).

<sup>3</sup> caferreira@utad.pt – Membro Integrado do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIEE).

\* Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) no âmbito do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança, da Universidade do Minho) com a referência POCI-01-0145-FEDER007562.

pacíficos para todos, alicerçados nos direitos humanos. Um novo contrato social para a educação capaz de projetar a educação como uma força pública e um bem comum. Esta é uma visão da educação carregada de esperança, onde se conta com todos para que a inclusão, a equidade, a igualdade de género, os direitos humanos e a paz passem a ser uma realidade mais autêntica num presente com amanhã. Este interesse projeta-se à escala mundial e tem gerado um debate plural em torno das melhores formas para atribuir sentido ao conhecimento, à educação e à aprendizagem num mundo complexo, volátil, incerto e ambíguo.

Compreende-se assim que a sociedade contemporânea, globalizada, de fronteiras híbridas (e em constante tensão), complexas e miscigenadas, impregnadas por significados ambíguos e difusos, se tornem em “tempos líquidos” (Bauman, 2007), difíceis de entranhar e tragar, onde a incerteza, o efêmero e a fluidez marcam o compasso e o ritmo das nossas vidas. De forma complementar, alude-se a esta nova “era da leveza” (Lipovetsky, 2016), que a todos afeta e envolve, dominada por valores e princípios sociais que escapam ao estabelecido, ao previsível e ao consagrado, que nos envolvem e nos inquietam numa “insustentável leveza do ser”, que nos inebriam e confundem com o desejo da “imortalidade”, a precisarem de um contraponto de movimentos mais calmos e de uma certa “lentidão” (Maffei, 2018), como quem procura e anseia pela concretude da “identidade”<sup>4</sup>.

É relacionado com estas temáticas que o segundo número da Revista de Estudos Curriculares está estruturado, sendo composto por 4 textos da exclusiva responsabilidade dos seus autores que neles apresentam as suas investigações, reflexões e posições face aos assuntos que nos apresentam. Assim, dois desses textos resultam de um repto para reedição e, outros dois, para relação de produções que pudessem ser equacionadas à luz da investigação realizada pelas próprias no âmbito dos estudos curriculares, contribuindo todos para uma consciência coletiva de que as práticas curriculares são dominadas pela política. Desse modo, entende-se que a legitimação dos saberes não é alienada da organização institucional, está comprometida com a investigação e a sua projeção através da docência e de publicações que, simultaneamente, nos questionam e instigam a compreender valores do conhecimento, melhores formas de aprender e ensinar e a problematizar saberes profissionais.

A abrir este volume, César Coll, apresenta-nos “El Currículo en el marco de la nueva ecología del aprendizaje”, onde partilha uma reflexão em torno do currículo e da aprendizagem escolar, configuradas por uma nova ecologia da aprendizagem, no quadro da sociedade da informação. O autor, num primeiro plano, discute os sistemas educativos sustentados no modelo de escolarização universal e, por último, deixa reptos e desafios da

---

<sup>4</sup> “A insustentável leveza do ser” (1983), “A imortalidade” (1990), “A lentidão” (1995) e “A identidade” (1997) são obras de Milan Kundera, escritor que nasceu na antiga Checoslováquia (cidade de Brno, em 1929) e adotou, mais tarde, a nacionalidade francesa. As obras referenciadas são atualmente editadas em Portugal pelo Grupo Leya.

educação escolar e problematiza os processos de revisão curricular para os enfrentar e superar.

A seguir encontra-se o texto de Varela de Freitas, intitulado “O Currículo em debate: positivismo – pós-modernismo. Teoria – Prática”, onde discute ideias em torno deste tema e sublinha que o debate sobre o currículo tem sido muito vivo nos Estados Unidos, contrastando com Portugal, onde considera faltar uma discussão animada, embora o autor observa que se progride para uma maior responsabilização dos professores na orientação do currículo. No entanto, adverte para a necessidade de “(...) haver serenidade na consideração das teorias dos curriculistas pós-modernos”.

O texto seguinte é da autoria de Maria José Magalhães, Susana Coimbra, Camila Iglesias, Cecília Loureiro, Ilda Afonso e Elsy Gonçalves, e tem por título “Supporting victims of gender-based violence with cognitive diversity: gaps in traditional curriculum”, onde nos apresentam os principais resultados do Projeto ATHENA BEGIN. As autoras destacam que a prevenção primária da violência de género é cada vez mais reconhecida como dimensão essencial no trabalho de profissionais que atuam em diversas áreas do cuidar. Contudo, as autoras dão conta de que “(...) a análise dos currículos académicos mostra a ausência de disciplinas com conteúdos acerca de conhecimentos e de competências específicas para lidar com vítimas de violência de género”. Com base neste entendimento, advertem para a necessidade de se inserir mudanças neste domínio, por forma a melhor responder às necessidades de formação dos profissionais que atuam neste plano, com o propósito de melhorar a qualidade dos serviços de apoio.

O último texto é da autoria de Carla Fonseca e tem como título “O Olhar dos professores de línguas sobre práticas de avaliação formativa”. Neste âmbito, a autora, tendo por referência as políticas educativas, que as considera sujeitas a movimentos cíclicos, discute, no contexto do sistema educativo português, a avaliação formativa, entendendo-a como “(...) uma modalidade avaliativa que contribui para verificar as aprendizagens que os alunos vão adquirindo e que dificuldades ou erros vão manifestando, para se intervir pedagogicamente de forma eficaz”. Ainda, neste contexto, com base num estudo realizado, apresenta-nos perspetivas de professores de línguas.

Seguindo o traçado de campos de investigação e de práticas que se afirmam plurais, este segundo número da Revista de Estudos Curriculares coloca-nos desafios instigadores, contrastados com questões do nosso tempo, numa dinâmica que valoriza o revisitar produções publicadas no passado para melhor compreender o presente, ampliando-o com possibilidades de projetar futuro. Perspetivamo-lo capaz de proporcionar leituras profícuas, hábeis a promover o debate em torno de questões do nosso tempo, relativas aos estudos curriculares, organizadores de múltiplas temáticas de investigação e para a vida pessoal e profissional dos leitores / professores / investigadores.

## Referências

Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Jorge Zahar.

Chomsky, N., & Waterstone, M. (2021). *As consequências do capitalismo. Produção de descontentamento e resistência*. Editorial Presença.

Lipovetsky, G. (2016). *Da leveza. Para uma civilização do ligeiro*. Edições 70.

Maffei, L. (2018). *Elogio da lentidão*. Lisboa: Edições 70.

UNESCO (2022). *Relatório Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação*. Publicado em 2022 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, pela representação da UNESCO no Brasil.  
[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379381\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379381_por)